

## EDITORIAL

Este número 19 da revista Geografares é lançado sob o signo do luto pela morte do professor Antonio Carlos Robert Moraes. Tônico, como era carinhosamente chamado, produziu uma obra ímpar de grande originalidade e era muito conhecido por um vasto público por meio do livro Geografia. *Pequena História Crítica*, cuja primeira edição é de 1983 e em seguida reeditado diversas vezes. Esse livro, porém, coisa que ele mesmo reconhecia, estava desatualizado (Em certa ocasião Antonio Carlos Robert de Moraes nos disse que não havia revisado as sucessivas edições do livro), malgrado suas qualidades sintéticas e críticas na análise das escolas geográficas.

A tese de doutorado de Tônico publicada em 2000 sob o título de *Bases da formação territorial do Brasil. O território colonial brasileiro no “longo” século XVI* e defendida em 1991, revela toda a qualidade de sua reflexão que envereda pelos caminhos entre a geografia e a história. A revista Geografares publicou em seu número 2 de 2001 (<http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1145>) a transcrição da palestra relativa ao lançamento do livro que Antonio Carlos realizou na UFES, em Vitória, no dia 8 de dezembro de 2000.

Como indicou Moraes na palestra “Se é possível fazer uma história econômica, uma história cultural, uma história política, também é possível fazer uma história a que eu daria o nome de história territorial, que é tentar captar a formação de uma sociedade abordada a partir de seu território”. Na realidade essa tese é o aprofundamento de um pequeno grande livro publicado em 1988, *Ideologias geográficas*, em particular o tema sobre o território e a identidade na formação brasileira. Como Tônico escreve na introdução do livro *Bases da Formação Territorial Brasileira* seu objetivo maior era a “(...) visão da geografia humana como uma história territorial”.

Na linha de um grande autor como Caio Prado Junior, Moraes nos revela uma capacidade de análise da formação ideológica do território e do Estado brasileiro muito original e que é de atualidade. A partir de uma leitura do território como “sujeito” na formação hegemônica brasileira ele demonstra como o povo quase sempre na nossa geo-história teria sido, para as práticas e os imaginários das classes dominantes, uma figura coadjuvante na construção da Colônia, do Império, da República e do Estado. Portanto, nunca teria sido ator de primeiro plano na constituição da nação. Em primeiro lugar viria nesse imaginário a “construção” do território, a formação da nação: Brasil país em formação, Brasil país do futuro ou ainda as expressões “Brasil ame-o ou deixe-o” ou as “frentes pioneiras” internas, as “colonizações internas”, sempre colonizar, sempre ocupar, inclusive os espaços populares das cidades (o povo é o ausente dessa epopéia construída pelas classes dominantes). Essas expressões resumem essa visão de que a prioridade é o território e o espaço e não os sujeitos, não a nação como uma conjunção de identidades coletivas problemáticas e problematizantes, mas que revelam alianças e “contratos sociais” entre classes e categorias sociais em determinado momento histórico. A Base desse processo de conquista territorial foi a Colônia, a Conquista, a incorporação territorial, a invenção do Brasil pelos colonos e a continuidade desse processo ao longo dos séculos e até a contemporaneidade quando ainda se fala de “fronteiras internas”, de “conquistas dos territórios amazônicos”, de “integração territorial”, sempre o espaço e o território...

Assim, deveria, e em muitos períodos isso aconteceu, se inverter a problemática de valorizar a bandeira (profundamente territorial e mercantil), o hino e os símbolos nacionais (ultimamente a camisa da seleção brasileira de futebol, mesmo se o futebol brasileiro já tenha perdido a sua aura), colocando no centro as lutas políticas concretas, os sujeitos sociais que, por sua vez, criam seus símbolos e crenças nacionais baseados em outros referenciais. Antonio Carlos Robert Moraes nos demonstra como que certa Geografia, felizmente já ultrapassada, ao serviço do Estado teve esse papel de legitimar o território antes dos homens. Onde a importância dos símbolos territoriais e a constituição de “regiões” no Brasil dos anos 1930 no sentido de agrupar um território vasto e com diversidades populacionais incomensuráveis sob a batuta de um Estado centralizador e promotor de mitos territoriais: fundador contemporâneo das crenças nas regiões.

## Como ele escreveu em Ideologias...

A análise das ideologias geográficas na política brasileira seria altamente reveladora da particularidade de nossa formação econômica-social. Estudos de tal natureza contribuiriam em muito para o desvendamento desse capítulo singular da história do capitalismo: a formação da nacionalidade brasileira. Obra da conquista territorial, de apropriação de espaço, de exploração do homem e da terra. De construção de uma sociedade e de um território. De uma sociedade que tinha a construção do território como elemento de identidade. De berço, o nacional é em muito o territorial.

Sua abordagem sobre como o território é elemento chave para entender as “ideologias geográficas” do Brasil foi sintetizada em excelente palestra no Fórum da Cidadania 2009 promovido pelo Instituto Prometheus e disponível no *Youtube*. Nessa palestra ele retraza esse percurso da importância territorial na formação do Brasil desde a colônia até a contemporaneidade. Gostaríamos de ter ouvido mais Tônico falar sobre o embate que acomete hoje o país entre uma elite territorialista/patrimonialista e os atores populares que teimam em irromper nessa ordem avassaladora da submissão do povo ao interesse da construção de certo tipo de território e de espaço para alguns, herdeiros da Casa Grande e dos grandes mitos fundadores patrimonialistas do Brasil.

Está na hora de ler e reler, e assim homenageá-lo, Antonio Carlos Robert Moraes!

Passaremos a seguir a falar sucintamente dos artigos publicados nesse número da *Geografares*.

O artigo de Luiza Leonardi Bricalli, *Caracterização litoestratigráfica, geotécnica e correlações com a ocorrência de processos de movimento de massa em talude da formação barreiras (Cariacica-ES)* é um estudo que descreve e analisa os aspectos litoestratigráficos e geotécnicos, afim de correlacioná-los à ocorrência do processo de movimento de massa (deslizamento) no talude da Formação Barreiras (Cariacica-ES).

O artigo de Marcos Antônio Silvestre Gomes, *A produção e a valorização desigual do espaço urbano em Campos dos Goytacazes-RJ: uma análise das ações do estado e dos promotores/incorporadores imobiliários*, debate alguns aspectos da produção do espaço urbano considerando as ações de agentes sociais específicos (o Estado e os promotores/incorporadores imobiliários) na produção e valorização desigual do espaço urbano em Campos dos Goytacazes-RJ. Os resultados do trabalho apontam a intensificação e complexificação das ações desses agentes com o advento da economia petrolífera.

O artigo de Ana Lucy Oliveira Freire e Fernando Domingos Vieira Sartório, *Urbanização e lazer: aspectos do processo histórico da criação de espaços públicos em Vitória (ES)*, contribui com o debate sobre o lazer na cidade atual em um contexto cujos espaços urbanos e a sociedade poderiam vir a ser mais democráticos. Realiza uma análise histórica dos espaços públicos de lazer em Vitória a partir do final do século XIX até a atualidade, objetivando imprimir uma visão crítica acerca da localização desses espaços na cidade.

O texto de Anderson Oliveira, *Envelhecimento populacional e o surgimento de novas demandas de políticas públicas em Viana/ES*, visa prestar uma contribuição para que os idosos tenham uma qualidade de vida cada vez melhor. Assim, o artigo caracteriza o envelhecimento em Viana, através da construção e análise de indicadores e identifica novas demandas de políticas públicas que surgem atreladas ao aumento da participação dos idosos na população total.

O artigo de Agripino Souza Coelho Neto, *Rede e território como conteúdo da prática sociopolítica das ações coletivas* se propõe a demonstrar que duas das mais discutidas e operacionalizadas categorias de análise do conhecimento geográfico (rede e território) vêm sendo crescentemente acionadas como recurso estratégico das ações coletivas, situação que nos permite considerá-las não apenas como categorias de análise, mas também como conteúdo da prática sociopolítica. Essa ideia deriva da constatação do modo como as duas noções vêm sendo operacionalizadas pelas ações coletivas como estratégia de organização, funcionamento e efetivação de seus propósitos.

Boa leitura!